

“FILOLOGIA: O QUE É E QUAL É O SEU CAMPO DE ATUAÇÃO?”. UM LEGADO DE BRUNO BASSETTO

José Mario Botelho (FFP-UERJ)

botelho_mario@hotmail.com

RESUMO

Entre os estudiosos brasileiros que se dedicam às pesquisas de cunho filológico, pairam algumas incertezas quanto ao que vem a ser Filologia e o que estuda a referida disciplina, exatamente porque muitos autores ainda divergem entre si em suas conceituações. Por isso, este artigo tem por objetivo apresentar a proposta de uma conceituação de Filologia e a delimitação do seu campo de atuação, feita pelo saudoso Bruno Fregni Bassetto em seu clássico *Elementos de Filologia Românica* (2001). Em cotejo com propostas de diferentes autores, será possível constatar a clarividência dessa concepção de Bassetto, a qual constitui um legado útil a todos os interessados no assunto.

Palavras-chave:

Bruno Bassetto. Estudos filológicos. Conceituação de Filologia.

RÉSUMÉ

Parmi les chercheurs brésiliens qui s'intéressent aux études philologiques, nous pouvons percevoir certaines incertitudes quant à ce qu'est la Philologie et ce que cette discipline étudie, précisément parce que de nombreux auteurs diffèrent encore dans leurs concepts. Pour cette raison, cet article vise à présenter la proposition de conceptualisation de la Philologie et la délimitation de son champ d'action, qui a été faite par Bruno Fregni Bassetto dans son classique *Elementos de Filologia Românica* (2001). En comparaison aux propositions de différents auteurs, on peut voir la clarté de cette conception de Bassetto, qui constitue un héritage utile pour tous ceux qui s'intéressent au sujet.

Mots-clés:

Bruno Bassetto. Etudes philologiques. Conceptualisation de la Philologie.

1. Introdução

Muito se discutiu e ainda se discute sobre um conceito do que, de fato, seja a Filologia (ou os Estudos Filológicos) como uma ciência ou disciplina científica na grande área de ciências humanas.

O próprio Prof. Bruno Fregni Bassetto chama a atenção para o fato de o conceito de Filologia ter recebido diferentes versões logo no início da introdução de seu célebre *Elementos de Filologia Românica*:

O conceito de Filologia não é unívoco; divergem muito os autores ao defini-la, ao determinar os limites de seu campo de atuação e até seu objeto

de estudo. Daí a necessidade de se levantar a biografia do termo, ainda que concisa, na busca de seu conteúdo semântico. (BASSETTO, 2001, p. 17)

Certamente, sendo diversos os conceitos de Filologia, posto que os estudiosos do assunto ainda não chegaram a um consenso, também não são unívocos o seu campo e objeto de estudo, como observa Bassetto na citação supracitada. Logo, nem pode ser bem definido o seu objetivo.

Também fazem parte do nosso conhecimento tais incertezas advindas dos estudos daqueles filólogos, a quem nós, filologistas (interessados no assunto ou profissionais do ensino dos estudos filológicos), atribuímos a responsabilidade desse saber. Não raro, escuto de meus pares algumas estranhezas sobre os estudos filológicos, que comprovam um conhecimento, até certo ponto, equivocado dessa matéria, exatamente por não saber “o que é a Filologia e qual é o seu campo de atuação”.

Daí, a importância deste artigo, que tem por objetivo apresentar a visão de Bruno Bassetto, um reconhecido filólogo brasileiro, sobre a Filologia, o seu campo de atuação, o seu objeto de estudo e, em consequência, o seu objetivo.

Neste artigo, a proposta de Bassetto, que nos é um verdadeiro legado, será apresentada em cotejo com propostas de diferentes autores, o que possibilitará a todos os interessados no assunto uma conveniente tomada de decisão quanto a um conceito do referido termo e o que tal disciplina científica se propõe estudar.

2. A Filologia e a Linguística, ao longo do tempo

Antes de apresentarmos a visão de Bassetto, que inicia a sua obra com o “conceito de Filologia”, como Introdução, afirmando que tal conceito não é unívoco, posto que muitos autores propuseram diferentes conceitos e também delimitaram o seu campo de atuação de formas distintas, convém demonstrar que, de fato, trata-se de uma tarefa difícil chegar a uma definição inexorável.

Na sessão de abertura da reunião anual da ABRALIN de 1988, como observações introdutórias, o saudoso Prof. Aryon Dall’Igna Rodrigues, procurando distinguir Filologia e Linguística, afirmou:

Com respeito ao termo recorrente “filologia”, convém observar que há 25 anos nos achávamos num momento de transição terminológica, em que o nome “linguística” já começava a generalizar-se e “filologia” passava a

ceder-lhe parte do espaço que vinha ocupando tradicionalmente no Brasil. No contexto do Plano Orientador da Universidade de Brasília, “filologia” foi usado sobretudo para significar o estudo científico da língua portuguesa, abrangendo desde o estudo filológico stricto sensu dos textos medievais até a pesquisa da fala rural brasileira. (RODRIGUES, 1988, p. 58 *apud* ALTMAN, 2004, p. 162)

Pode-se inferir nesta citação que, no Brasil, os estudos que se faziam sobre linguagem eram de natureza filológica ou, pelo menos, que tais estudos eram de responsabilidade da Filologia, e que dela se originaram os estudos linguísticos propriamente ditos. Esses estudos linguísticos, que se tornaram independentes, são, ainda hoje, confundidos com os estudos filológicos, com os quais se mantêm afins, já que ambos os estudos não são estanques.

Em seu *Caderno de Estudos: Filologia Portuguesa*, depois de relatar a descoberta do filólogo da Royal Asiatic Society e pedra fundamental da Linguística Histórico-Comparatista, Sir William Jones, que comprovou o parentesco entre o sânscrito, o latim, o grego, o persa e o protogermânico, o que suscitou o termo “indo-europeu”, o Prof. Quiarrelli (2016) observou que esse marco da Filologia fez nascer a ciência que dominaria essa área do conhecimento, a Linguística, relegando para aquela ciência um campo de ação mais limitado. Sobre essa descoberta de Sir William Jones e os novos estudos de gramáticas comparativas entre diversas línguas indo-europeias, que se podem considerar o primeiro capítulo da história da linguística moderna e o precursor do estruturalismo no início do século XX, afirma:

Mais tarde, quando Saussure fundaria definitivamente a linguística moderna, estabelecendo a divisão entre análise sincrônica e análise diacrônica, a filologia, além de continuar sendo reconhecida como “o estudo dos textos antigos”, passou a se confundir com a disciplina “história da língua” e com a chamada “linguística diacrônica”, mas nunca mais foi reconhecida como a ciência da linguagem em sentido amplo, pois essa atribuição se tornou exclusiva da linguística. (QUERIQUELLI, 2016, p. 8)

Koerner (1989), traçando um perfil das raízes históricas da controvérsia em torno da distinção entre esses dois termos, sugeriu voltarmos a atenção para o contexto histórico da relação tradicional entre Filologia e Linguística, bem como os significados associados aos termos em diferentes períodos, nos países de língua anglo-saxônica, por volta do século XIX¹⁰⁷.

¹⁰⁷ However, in order to understand these recent trends especially in Anglo-Saxon countries, we must know a few things about the historical background to the traditional rela-

O autor observa que os termos francês e alemão para “Linguística Histórica” (*linguistique historique* e *historische Sprachwissenschaft*, respectivamente) não lhe pareciam problemáticos, enquanto os termos em francês e em alemão, sugeridos para o termo inglês *Philology* (*philologie*, formas para o francês e para o alemão), não lhe pareciam convenientes. Grande parte do uso inglês se associou ao “estudo histórico de textos”, na medida em que se usava tradicionalmente no sentido de “Linguística Histórico-Comparativa”, como ocorria em terras de língua alemã, em que era chamado de “*Sprachwissenschaft*”, especialmente nos finais do século XIX até meados do século XX.

Depois de desenvolver o curso histórico desse impasse, desde aquele começo lá no final do século XIX, passando por um período moderno, em que os estudiosos, segundo Koerner, fizeram pouco mais do que disfarçar questões muito mais fundamentais, a saber, a (redefinida) relação entre aquelas duas disciplinas científicas, e reconhecer até que ponto a Linguística pode se beneficiar do trabalho filológico, conclui que a “linguística filologizada”, de Anttila¹⁰⁸, pode não estar mais distante da prática científica normal. Ou seja, para o autor Linguística e Filologia não só se confundem, mas se fundem num único estudo ou constitui uma linguística de orientação filológica, como propôs Anttila.

Entre nós, contudo, a divisão de domínios se tornou efetiva, ao menos para aqueles que consideraram uma conceituação tradicional: Linguística e Filologia são ciências (ou disciplinas) distintas. E embora ainda não se tenha uma definição categórica para cada uma dessas ciências e uma delimitação de seus campos de atuação, vislumbram-se uma definição aceita por muitos estudiosos para Linguística e uma noção de definição para a Filologia que uma grande maioria deles compartilham.

Portanto, na tentativa em distingui-las, Silva Neto (1956) afirma que “a Linguística parece-nos sempre geral. A Filologia, sim, encerra to-

tionship between ‘philology’ and ‘linguistics’ as well as the meanings associated with the terms in different periods in the development of the study of language as a science. (KOERNER, 1989, p. 233).

¹⁰⁸ Raimo Anttila, estudioso alemão e autor de “Linguistik und Philologie”. In: BARTSCH, Renate; VENNEMANN, Theo. *Linguistik und Nachbarwissenschaften*. Kronberg/Taunus: Scriptor, 1973. p. 177-91. Neste artigo, Anttila procura conciliar a dicotomia tradicional, advogando em favor de uma orientação filológica da linguística. Para ele, os linguistas devem conhecer linguagens e não apenas a sua língua materna

dos os estudos possíveis acerca de uma língua ou grupo de línguas: Filologia portuguesa, Filologia indo-europeia. (...)”, mas que depende fundamentalmente de documentos escritos, o que nos impede de termos estudos filológicos de línguas ágrafas – aquelas que não têm textos escritos. Logo, trata-se de um estudo linguístico diacrônico a partir de textos literários escritos de uma língua em especial ou de um grupo de línguas afins.

Gladstone Chaves de Mello e Serafim da Silva Neto, que procuraram enfatizar o conjunto de valores intelectuais e institucionais que caracterizam aquelas duas disciplinas ou vertentes de uma mesma ciência de natureza filológica, faz a seguinte observação:

[...] o objeto formal da Filologia é estabelecer, explicar e comentar textos, tarefa à primeira vista fácil e pobre, mas que, na verdade, exige larga soma de conhecimentos e grande acuidade mental. A fixação dos textos e sua exegese reclamam conhecimentos linguísticos, paleográficos, históricos, mitológicos, numismáticos, heráldicos, religiosos, de Poética e outros mais. Então, propriamente, Filologia Portuguesa seria o estudo largo e profundo dos textos da nossa língua para atingir em cheio a mensagem intelectual ou artística nele contida. Já a Linguística Portuguesa seria o estudo da língua portuguesa como tal, como produto histórico-social realizado de mil maneiras através do tempo e do espaço, sendo que todas essas mil facetas constituem objeto de interesse igual para o linguista. (MELO; SILVA NETO, 1951)

Para Coutinho (1976, p. 17), “Filologia é a ciência que estuda a literatura de um povo ou de uma época e a língua que lhe serviu de instrumento”. Com essa definição, pode-se perceber a diferença que há entre a Linguística e a Filologia, que não são estanques, mas estudos afins. De fato, é necessário especificar o campo de atuação dos estudos filológicos para que se constate que a Filologia constitui uma ciência específica, que não se confunde com nenhuma outra ciência, que tenha a língua como um de seus objetos de estudo, como já ressaltai em um artigo anterior:

Faz-se mister ressaltar que, embora “Filologia” e “Linguística” apresentem pontos afins, tratam-se de duas áreas de conhecimento distintas, cujos objetivos e objetos de estudo se mostram particulares apesar de não serem estanques. (BOTELHO, 2008, p. 52)

Já em 1926, Leite de Vasconcellos definia Filologia sob tal perspectiva tradicional, em que se concebe um valor documental da língua dado pelos estudos filológicos (Cf. VASCONCELLOS, 1926, p. 9). Esta noção de Vasconcellos foi incluída por Câmara Jr., na definição apresentada em seu Dicionário de linguística e gramática:

FILOLOGIA – Helenismo que significa literalmente, “amor à ciência”;

usado a princípio com o sentido de erudição, especialmente quando interessada na exegese dos textos literários. Hoje designa, estritamente, o estudo da língua na literatura, distinto portanto da linguística. Há, porém, um sentido mais lato para filologia, muito generalizado em português; assim Leite de Vasconcelos entende por filologia portuguesa “o estudo da nossa língua em toda a sua plenitude, e o dos textos em prosa e verso, que servem para a documentar” (VASCONCELOS, 1926, p. 9), o que vem a ser o estudo linguístico, especialmente diacrônico, focalizado no exame dos textos escritos em vez da pesquisa na língua oral por inquérito com informantes. [*sic*] (CÂMARA JR., 1985, p. 117)

Para Vasconcelos a Filologia, além de ser vista como um órgão da literatura e como manifestação do espírito nacional de uma dada língua, é um “estudo científico, histórico e comparado da língua nacional em toda a sua amplitude, não só quanto à gramática (fonética, morfologia, sintaxe) e quanto à etimologia, semasiologia, etc.” (VASCONCELOS, 1926 *apud* SILVA NETO, 1956, p. 15-16).

Em 1946, D. Carolina Michaëlis apresentou, de forma simplificada, uma noção do objeto de estudo da Filologia de tradição portuguesa ao descrever as atividades do filólogo:

[...] a meu ver, tanto são filólogos os historiadores e investigadores de literaturas, como os historiadores e investigadores de línguas que procuram resolver cientificamente problemas positivos, historiando e comparando, quer fonéticos, morfológicos, sintáticos – gramaticais, portanto – quer etimológicos, semasiológicos, onomasiológicos (lexicográficos) ou dialectológicos – isto é, de origens. E também são filólogos os glotólogos pelo assunto que eles cultivam, qual é a linguagem em si, sem fins práticos nem literários, só por ela mesma, como suprema das instituições humanas, de natureza psico-fisiológica [...]. (MICHAËLIS DE VASCONCELOS, 1946, p. 150)

Desta asserção de D. Carolina Michaëlis, pode-se conceber que o campo de atuação dos estudos filológicos é muito amplo e complexo, o que torna ainda mais difícil uma definição do termo “filologia”.

Como bem observa Altman (2004), ao longo do tempo, a Filologia se expandiu a tal ponto de incorporar todos os “novos” objetos linguísticos revelados pelos estudos comparados e “como resultado, o estatuto da(s) ciência(s) da linguagem se tornaria cada vez mais ambíguo e oscilante” (ALTMAN, 2004, p. 174).

Em síntese, o termo, que é um helenismo (do grego: “philologia”), significa literalmente “gosto pela erudição ou pela literatura”, inicialmente relacionado ao estudo exegético dos textos literários. Atualmente, designa o estudo da língua na literatura, como se pode inferir da seguinte

definição no Dicionário etimológico da língua portuguesa, de Machado (1962):

Filologia, s. Do gr. philologia, "necessidade de falar, conversação; gosto pela dialética; gosto pela literatura ou pela erudição; daí, dissertação sobre assunto literário ou de erudição", pelo lat. Philologia, "amor às letras, aplicação ao estudo; filologia, comentário, explicação dos escritores. (MACHADO, 1962, p. 1045)

Contudo, podemos encontrar em Bassetto (2001) uma proposta conveniente para a delimitação dos estudos filológicos e deixar no passado a polêmica que se formou acerca da Filologia.

3. Conceito de Filologia, segundo Bassetto

Depois de afirmar que o conceito em pauta ainda não tem um único significado, porquanto muitos autores divergem sobre ele, Bassetto observa a necessidade de se buscar tal conhecimento, nos gregos – criadores do termo.

O autor inicia a sua tese afirmando que o termo "filólogo", cujo significado etimológico é "amigo da palavra", surgiu primeiramente e que já era usado por Platão e Aristóteles. Como a palavra (λόγος), que é a expressão do pensamento (νοῦς), o autor define "filólogo" como "aquele que apreende a palavra, expressão da inteligência, do pensamento alheio e com isso adquire conhecimentos, cultura e aprimoramento intelectual" (p. 17).

Certamente, até o século V a.C., portanto antes de Platão, essa palavra era usada somente de forma oral; com o uso comum na escrita, "filólogo" passou a ser entendido como "o amigo da palavra falada e escrita" e, por conseguinte, passou a designar "aqueles que liam e escreviam" e também "aquele que gosta de falar ou de aprender, ouvindo".

Em seguida, Bassetto discorre longamente sobre a origem da palavra "filólogo", demonstrando os seus usos com exemplos de obras dos autores gregos Aristóteles, Platão e dos autores latinos Cícero, Suetônio, Sêneca e outros. Todos, praticamente, nos sugere a ideia de refinamento intelectual, de um conhecimento profundo de cultura em geral e do domínio da linguagem mais especificamente, que denota a palavra "filólogo". Essa ideia se pode depreender do seguinte fragmento de Sexto Empíricus, traduzido do grego e citado por Bassetto:

E de novo, numa dissertação, tendo em vista os presentes, procuraremos

as expressões mais refinadas e filológicas e deixaremos de lado as expressões comuns, pois, como o uso culto é ridicularizado pelos que só se guiam pelo comum, da mesma forma o comum o é pelos do uso culto (Sextos Empiricus, CM, I, 235 apud BASSETTO, 2001, p. 23)

Dando continuidade ao resgate do sentido do termo “filólogo”, o nosso filólogo brasileiro faz referência ao medievo e observa que “a filologia ressurgiu com vigor, como se pode ver na obra de Guillaume Budé ou Guiliermus Budaes (1467–1540), dito o Erasmo da França” (p. 29). Nesta época (séc. XV–XVI), estão em voga os estudos em torno das línguas nacionais e de suas gramáticas, dicionários e manuais, que surgiam, e da origem das línguas, ainda que sem uma fundamentação científica e sob a influência da Bíblia. Nesta época, segundo Bassetto, as teorias apresentadas pelos estudiosos não eram bem aceitas, pois careciam de uma base lógico-científica. Os que se diziam filólogos, como Lefèvre, d’Étaples, Bibliander, Nebrija, Calepin, Postel, Dubois, Goropius, H. Estienne, Francisco Sanchez e outros, dedicavam-se aos estudos da linguagem ou de línguas, o que praticamente deu à palavra “filólogo” o sentido que ecoa nos nossos dias: “é o estudioso da ciência da linguagem, da literatura e da cultura a partir de textos, de preferência, antigos”. E como assevera o filólogo,

Na prática, filólogo é o que se ocupa, sobretudo com o texto escrito, principalmente antigo. Não se exige mais que tenha “conhecimentos amplos e variados”, ainda que se encontre quem os tenha; o recurso a outros ramos do conhecimento humano, como a geografia, a história, a filosofia, a mitologia, a teodicéia e outras especialidades, se faz quando o conteúdo específico do texto o exigir. (BASSETTO, 2001, p. 29-30)

De certo, por causa da amplitude semântica do termo, que pode significar “sábio” – aquele que reúne um vasto conhecimento – ou também o pesquisador da linguagem e da língua ou ainda o estudioso da palavra escrita tão somente, tais atribuições, modernamente, se relacionam a novos especialistas como enciclopedista ou erudito ou literato, glotólogo ou etimólogo, linguista ou cientista da linguagem, entre outras denominações.

A mim, me parece que restou a filólogo uma acepção preconceituosa (com um quê de desdém), de “literato ou gramático”, limitado a estudos de fatos gramaticais antigos. Se bem que sinto certa valoração na seguinte definição contemporânea:

O filólogo seria o pesquisador responsável por estudar os textos antigos, considerando seu contexto sócio-histórico de produção e circulação, além de se ocupar de recuperação, preservação, fixação e edição dos textos que podem ser posteriormente submetidos a análises linguísticas. Todo histo-

riador da língua deve conhecer o trabalho filológico de leitura e preparação das fontes que serão seu material de estudo. (MARCOTULIO *et al.*, 2018, p. 32)

Prosseguindo na explanação do desenvolvimento do pensamento linguístico sobre o termo “filólogo”, Bassetto cita os benefícios dos estudos filológicos dos gramáticos dos séculos XVII-XVIII e dos estudos dos comparativistas sobre o sânscrito, cujo conhecimento, aprofundado no século XIX, constitui “um marco importante na história do estudo da linguagem e da filologia” (p. 30). Observa o nosso filólogo que o interesse pelo sânscrito eclodiu após os estudos de Sir William Jones (1746–1794), antropólogo e linguista britânico, que o comparou com o grego, o latim, o celta, o gótico e o antigo persa.

Entre os vários comparativistas, destacaram-se Franz Bopp (1791–1867), considerado o fundador da gramática comparada, com a sua *Über das Konjugationssystem der Sanskritsprache in Vergleichung mit jenem der griechischen, lateinischen, persischen und germanischen Sprache* (“Sobre o Sistema de conjugação da língua sânscrita em comparação com o das línguas grega, latina, persa e germânica”, Frankfurt, 1816) e Friedrich Schleicher (1821–1867), sobretudo com a obra *Über die Sprache und Weisheit der Indier* (“Sobre a língua e a sabedoria dos indianos”).

Novos campos de estudos comparativos das línguas surgem e, paralelamente a eles, desenvolvia-se uma filologia greco-romana, que ia obtendo ótimos resultados no trabalho filológico da Crítica Textual. Nisso, destaca-se o filólogo alemão Georg Curtius (1820–1885), que concebia a “Filologia como o estudo das línguas, sobretudo clássicas, quer de sua literatura quer de sua gramática” (p. 31).

Com o provençal, destacou-se o filólogo e linguista francês François Just Marie Raynouard (1761–1836); com o castelhano e depois com o provençal, Friedrich Christian Diez (1794–1876), filólogo alemão, que é considerado o pai da Filologia Românica; ampliando os estudos de Diez, o filólogo suíço Wilhem Meyer-Lübke (1861–1936); com o rético, num estudo de dialectologia românica, destacou-se o linguista e glotólogo italiano Graziadio Isaia Ascoli (1829–1907).

Na história dos estudos da linguagem, de natureza filológica, Bassetto destaca a contribuição da Geografia Linguística, com os estudos do dilectólogo franco-suíço Jules Gilliéron (1854–1926), que a solidificou com uma fundamentação científica.

Cita outras correntes e teorias, relativas à linguagem, e destaca a importante atuação do linguista suíço Ferdinand de Saussure (1857–1913), considerado o pai da Linguística, como o responsável pelo impulso que tomou a Linguística no séc XX. Nesta parte de sua obra, Bassetto resume a noção que Saussure fez do conceito de “filologia” em sua obra póstuma *Cours de Linguistique Générale* (publicada por Charles Bally e Albert Sechehaye em 1916). Segundo Bassetto, o mestre genebrino estabeleceu três fases dos estudos da linguagem: a primeira fase se caracteriza pelos estudos gramaticais gregos; a segunda fase se caracteriza pelos estudos filológicos também gregos; e a terceira, que se caracteriza pelos estudos dos comparativistas dos séc. XVIII–XIX.

Segundo Bassetto, o próprio Saussure sentiu a necessidade de definir o objeto de estudo da Filologia, em virtude da polissemia dos termos “filologia” e “gramática”, que se confundiam:

A língua não é o único objeto da filologia, que pretende, antes de tudo, fixar, interpretar e comentar os textos; esse primeiro estudo faz com que se ocupe também com a história literária, costumes, instituições etc.; em toda parte ela usa seu método próprio, que é a crítica. Se aborda as questões linguísticas, é especialmente para comparar textos de épocas diferentes, determinar a língua particular de cada autor, decifrar e explicar inscrições numa língua arcaica e obscura. (SAUSSURE, p. 13-14 *apud* BASSETTO, 2001, p. 35)

Logo, para Saussure, segundo Bassetto, “a Filologia é a ciência que estuda textos e tudo quanto for necessário para tornar esses textos acessíveis: a língua utilizada e todo o universo cultural que essa língua representa” (p. 35). Daí, a necessidade do conhecimento de tantas outras ciências, como história, geografia, epigrafia, paleografia, hermenêutica, exegese, ecdótica, literatura etc., como observa o filólogo brasileiro.

Em seguida, volta a ressaltar a imprecisão das definições de “filologia” e destaca a adequação de dois conceitos dentre tantos que nos chegam: o do filólogo, historiador e arqueólogo alemão Philipp August Boeckh (1785–1867): “Filologia é o conhecimento do conhecido.” e o do filólogo e historiador francês Joseph Ernest Renan (1823–1892): “A Filologia (...) é a ciência dos produtos do espírito humano.”

Finalizando o referido subitem, Bassetto apresenta um resumo de que dissera sobre o termo “filólogo” e se refere aos primeiros indícios do Renascimento, na segunda metade do séc. XIV, quando, segundo ele, “reaparecem os filólogos, como os Escaligeros, Saumaise, Casaubon, Wolf, entre tantos outros nomes conhecidos, que estudam, comentam e

editam os clássicos latinos e gregos” (p. 37). Termina-o, afirmando que,

Com isso, se fixou o conceito moderno, em sentido restrito, de filologia, como a ciência do significado dos textos; e, em sentido mais amplo, como a pesquisa científica do desenvolvimento e das características de um povo ou de uma cultura com base em sua língua ou em sua literatura. (BASSETO, 2001, p. 37)

4. Consideração final

Considerando tudo que Basseto nos informou sobre o filólogo e a sua atuação como um especialista de linguagem e, principalmente, a asserção supracitada sobre a Filologia, creio que é este o conceito que nos lega o saudoso mestre para o polêmico termo; ou seja, “A Filologia é uma ciência da linguagem e também a pesquisa científica do desenvolvimento e das características de um povo ou de uma cultura com base na sua língua ou na sua literatura”. O seu campo de atuação é vasto, posto que é um estudo transdisciplinar e intercultural, em que se efetiva uma linguagem humana; seu objeto de estudo é a língua de um povo que se pode observar em seus textos; e o seu objetivo é a caracterização de um povo e/ou de uma cultura através de sua literatura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTMAN, Cristina. Filologia e Linguística – outra vez. *Filol. linguíst. port.*, Revista da USP, n. 6, p. 161-98, São Paulo, 2004.

BASSETO, Bruno Fregni. O significado de “filólogo” para gregos e romanos. *Clássica – Revista Brasileira de Estudos Clássicos da SBEC*, v. 33, n. 1, p. 109-16, Belo Horizonte-MG, 2020.

_____. Conceitos de filologia. *Revista Philologus*, Ano 4, n. 12, Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2000. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/revista/artigo/4\(12\)8-28.html](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/4(12)8-28.html)

_____. *Elementos de Filologia Românica: história externa das línguas*. São Paulo: USP, 2001.

BOPP, Franz. *Sobre o sistema de conjugação da língua sânscrita em comparação com o da grega, a latina e a germânica*. Frankfurt: Andreätschen, 1816.

BOTELHO, José Mario. Conceitos fundamentais acerca de fatores de

evolução linguística. *Revista Philologus*, ano 14, n. 42, p. 52-65. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez. 2008.

CÂMARA JR. Joaquim Matoso. *Dicionário de linguística e gramática*. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

ELIA, Silvio. *Preparação à linguística românica*. Rio de Janeiro: Ao Livro técnico, 1979.

KOERNER, E. F. Konrad. On the Historical Roots of the Philology vs Linguistic Controversy. In: KOERNER, E.F.K. (1989). *Practicing linguistic historiography: selected essays*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 1989. p. 233-44

MELO, Gladstone Chaves de; SILVA NETO, Serafim. *Conceito e Método da Filologia*. Rio de Janeiro: Simões, 1951.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Barcelos: Companhia Editora do Minho, 1962. (3 vols)

MARCOTULIO, Leonardo Lennertz *et al.* *Filologia, história e língua: olhares sobre o português medieval*. São Paulo: Parábola, 2018.

MATTOS, Geraldo. *Fundamentos históricos da língua portuguesa*. Curitiba: IESDE, 2009.

NASCENTES, Antenor. *Elementos de Filologia Românica*. Org. por José Pereira da Silva. Rio de Janeiro: Botelho, 2009.

QUERIQUELLI, Luiz Henrique M. *Caderno de Estudos: Filologia Portuguesa*. Indaial-SC: UNIASSELVI, 2016.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de Linguistique Générale*. Publié par BALLY, Charles; SECHEHAYE, Albert, Paris: Payot, [1922].

_____. *Curso de Linguística Geral*. Trad. de Antônio Chelini *et al.* São Paulo: Cultrix, 1969, título original: “Cours de Linguistique Générale”, Org. por BALLY, Charles; SECHEHAYE, Albert, Paris: Payot, [1922]. SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao estudo da filologia portuguesa*. S. Paulo: Cia. Editorial Nacional, 1956.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

VASCONCELOS, Carolina Michaëllis de. *Lições de filologia portuguesas* (Seguidas das Lições Práticas de Português Arcaico). Lisboa : Dinah-livro, [s/d.].

VASCONCELLOS, Leite de. *Lições de filologia portuguesa*. Lisboa: [s.n.], 1926.